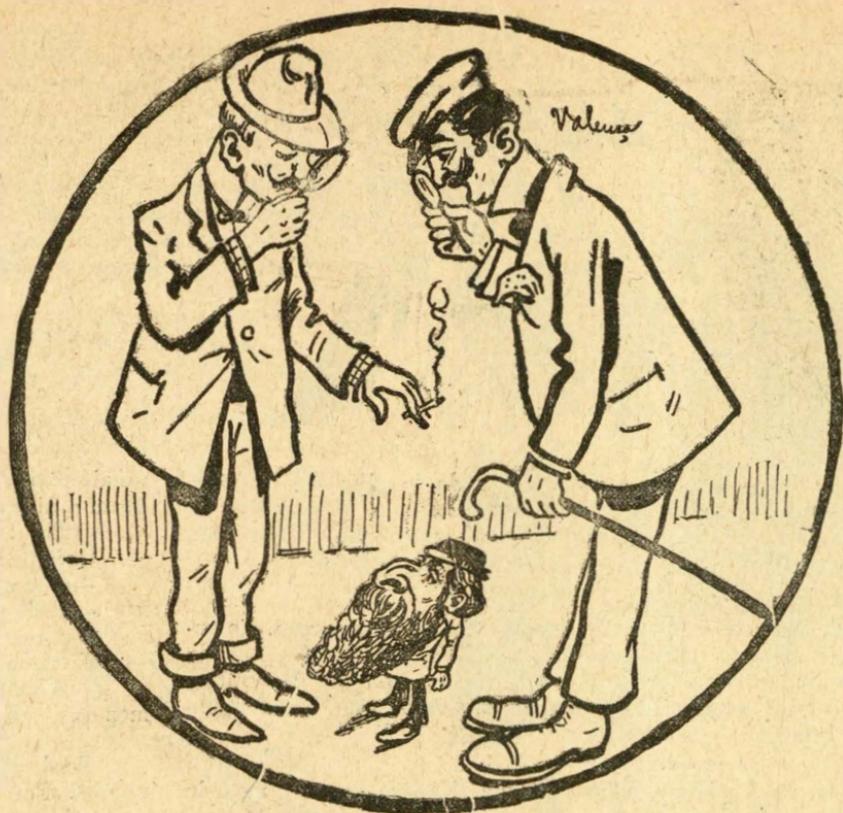


Guerra Junqueiro na Figueira



O excelso poeta Guerra Junqueiro tem produzido enorme sensação na Figueira da Foz, onde se encontra de môlho.

Coisa que muito admira toda a gente é que pessoa tão pequenina tivesse coragem e força para matar o D. João e para pôr em lençoes de vinho o Padre Eterno.

Isto é o que dizem—por outras palavras—os correspondentes dos jornaes.

Quando ali constou a chegada do poeta, aventaram-se hypotheses:

—Deve ter, pelo menos, seis metros de altura!

—E força?! aquillo é um elephante!

—Um homem que escreveu um poema em alexandrinos, que são os verros maiores que ha, deve ser muito comprido!

Foi uma desillusão!

A *gare* da Figueira da Foz achava-se coalhada de admiradores das obras do poeta.

Chegou o comboio. Os admiradores percorreram com a vista as portinholas. A uma assomava uma grande barba.

—E' elle! é elle!

—O sr. Guerra Junqueiro?

O homem da barba:

—Sou eu!

Tiraram-o para fóra e então viu-se que atrás da barba não havia nada, ou quasi nada: um corpo do tamanho d'um grão de milho, quando muito.

Todos julgaram comprehender. Interrogaram o barbaçana:

—O senhor seu papá?! Vem tambem o senhor seu papá?

—Meu papá?!

—Sim... o sr. Guerra Junqueiro pae. Vem?

—Mas... o poeta sou eu...

Houve um sorriso. Por fim, não se apeando mais ninguem parecido de feições ao barbaçana, ficou resolvido que a morte de D. João e A velhice do Padre Eterno não foram escritos por Guerra Junqueiro. A história do radio, sim; essa é que é de homem tão pequenino.